



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA**

**BISMARCK FERNANDES GOMES DA SILVA**

**O RAPE E O GRAFITE ENQUANTO LINGUAGENS MEDIADORAS  
NA GEOGRAFIA ESCOLAR:  
uma abordagem a partir da Educação de Jovens e Adultos**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

**BISMARCK FERNANDES GOMES DA SILVA**

**O RAPE E O GRAFITE ENQUANTO LINGUAGENS MEDIADORAS  
NA GEOGRAFIA ESCOLAR:  
uma abordagem a partir da Educação de Jovens e Adultos.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Geografia, da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, como requisito para obtenção do título de graduado sob a orientação da Prof.<sup>a</sup>. Ms. Angélica Mara de Lima Dias.

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S586r Silva, Bismark Fernandes Gomes da.  
O rap e o grafite enquanto linguagens mediadoras na Geografia escolar : uma abordagem a partir da Educação de Jovens e Adultos / Bismark Fernandes Gomes da Silva. – Campina Grande, 2016.  
57 f. il. : color.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Prof". Ms. Angélica Mara de Lima Dias".

Referências.

1. Ensino de Geografia. 2. Linguagens. 3. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 4. Geografia Escolar - Metodologia de Ensino. I. Dias, Angélica Mara de Lima. II. Título.

CDU 910.1:37.016(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA  
CURSO DE GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA DE: **BISMARCK FERNANDES GOMES DA SILVA**

TÍTULO: **O RAP E O GRAFITE ENQUANTO LINGUAGENS MEDIADORAS NA  
GEOGRAFIA ESCOLAR: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS**

Campina Grande (PB), 06 de maio de 2016.

*Angélica Mara de Lima Dias*

Prof.<sup>a</sup> Ms. Angélica Mara de Lima Dias (UFCG - Orientadora)

*Maria Deusia Lima Ângelo*

Prof.<sup>a</sup> Ms. Maria Deusia Lima Ângelo (Examinadora Externa)

*Luiz Eugênio Pereira Carvalho*

Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho (UFCG – Examinador Interno)

*À minha mãe, Fabiana  
Fernandes, com amor.*

**DEDICO!**

## AGRADECIMENTOS

Há tanto para agradecer e há tantos para serem lembrados.

Agradeço aos meus pais, Fabiana e Ademir, que tantas vezes contribuíram em minha formação e servem de inspiração.

Aos meus irmãos Caio e Leonardo, com quem a diferença é gritante, mas ela soma e enriquece.

Aos amigos Felipe Valentim, Mariana Alves, Arthur Henrique, Robson Barbosa, Carlos Arthur, Mateus Costa, Denisson Oliveira, Allan Arnaud, Jean Guimarães e Mariana Brito, Fleidman Maio obrigado por tornarem minha vida mais divertida.

Aos meus familiares.

Aos meus professores do curso de Geografia, em especial Luiz Eugênio, Lincoln Diniz, e Thiago Romeu. Exemplos de profissionais e de seres humanos, o mundo necessita de mais pessoas como vocês.

Ao meu amigo Dalisson Markel, que é um talento na arte fotográfica, proporcionando assim fotos maravilhosas para essa pesquisa.

Aos integrantes do GEMAC com quem troquei experiências bem significativas.

A minha orientadora Angélica Mara, por aceitar o desafio. Sou grato por todo o comprometimento, paciência, pela amizade, pelo profissionalismo, por sempre está disposta a ajudar, e acima de tudo acreditar que seria possível realizar esse trabalho, respeitando o meu jeito torto de ser, fazendo com que eu não se tornasse um discípulo, mas sim um amigo. Como diria o *Montaigne*: “*Parce que c'était lui*” (*Porque era ela*<sup>1</sup>) “*Parce que c'était moi*” (*Porque era eu*). Um respeito e admiração que só uma amizade pode justificar.

Aos professores que compuseram a banca examinadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Maria Deusia de Lima Ângelo, e o Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho, por oferecerem suas sugestões, além de se colocarem a disposição para futuros esclarecimentos.

A comunidade da Escola Raul Córdula, por me acolher nesses últimos dois anos, tanto nas atividades de estágio desenvolvidas, como nessa pesquisa. Em especial a professora Tássia Fernanda, que tanto contribuiu para essa pesquisa.

Aos amigos que fiz graças a Geografia.

À todos, o meu muito **Obrigado!**

---

<sup>1</sup> Aonde se lê “ela” encontra-se no original “ele”.

[...]Quem vai me ensinar a viver?  
De baixo eu me vi crescer  
Comecei com uma cota que hoje mostra evolução  
Visão, você ainda pensa em me dizer, drão?  
Meus problemas, novas soluções pra novos temas  
E ó que eu fiz sem combinar  
Também sem cobiçar o que o mundão não aprova  
Aguentando nego vim dizer  
Tô no universo como explorador  
Com o amor o relógio voa, mas pro relógio é recíproco  
O medo intimida o homem tímido  
Coragem faz ações virarem clássicos

Pô, talvez tu captou  
Rua decapitou os cabeça pequena  
Tô mais esperto e tô  
Sou mais ligeiro, adepto com os mínimos problemas  
Talvez eu queira ouvir o que eu não quero ouvir  
Isso eu sei é um vaso de virtudes  
(De onde estou)  
Talvez eu já não saiba o que pensar  
Permita-se ir além, mas permita-se voltar

[...]  
Tanto que eu ouvi desde que  
Não vi condições pra conduzir o cão à caça  
Mas não perca a raça quando tudo tiver fora do controle  
Deixem que eles falem porque sábio é o que absorve  
Que o sangue não ferve, se envolve e não deve  
Trabalha e não pede, aqui é o brasil, viu?  
Se o sangue não for frio, não serve  
Se a meta é ser maior então acirra a disputa  
O rap não contrata, o rap recruta  
Minha vida é só uma amostra  
  
Uma prova que o rap nunca foge a luta, o rap é a fuga  
A fama é tão vaga e tu nem vê  
Uma vida pra subir, cinco minutos pra descer  
Saber parar sem perder o teor do som  
Sem perder a essência de quem sou  
Porque de onde estou ao questionar a autenticidade de onde estou  
O povo de uma outra cidade comentou  
Que falta um pouco de verdade, talvez simplicidade, sim  
Falta de humildade de onde estou.

**De onde estou- Haikaiss**

## RESUMO

Neste trabalho, abordamos a utilização do rap e do grafite como linguagens potencializadoras da prática metodológica no ensino da Geografia Escolar. Essa pesquisa surgiu em virtude de identificarmos potencialidades dessas ferramentas adotadas como recurso didático, nos abrindo um leque de possibilidades para serem trabalhadas em sala de aula. Diante da insatisfação com as propostas de ensino mnemônicas no qual é um aspecto comum no ambiente escolar, principalmente no ensino da Geografia, constatamos que essas práticas enfadonhas podem ser facilmente encontradas na modalidade da Educação de Jovens e Adultos- EJA - nosso foco de pesquisa - em que problema evidente é a prática arraigada em métodos tradicionais e conteúdos com informações meramente descritivas, não abrindo possibilidades para reflexões acerca do cotidiano. Diante disto, trabalhar o cotidiano do aluno se torna a maneira mais adequada para compreensão do saber, tendo em vista que, ao perceber que seu conhecimento prévio será valorizado e ele é sujeito ativo na construção do conhecimento o conteúdo ganha novos significados, gerando prazer e interesses no que está sendo exposto em sala de aula. Atendendo a estas necessidades buscamos por meio da utilização de letras musicais do gênero supracitado, e de registros fotográficos de grafites alternativas para contribuir na formação cidadã desses sujeitos, como também motivar e atraí-los, valorizando cada especificidade, realidade e opinião de cada aluno, assim dando sentido ao seu mundo e abrindo debates e trocas de conhecimentos durante nossos encontros. Chegando à conclusão que o rap e grafite podem se tornar uma ferramenta eficiente em sala de aula principalmente para abordagens de temas outrora mnemônicos, como também abordar valores como a cidadania, preservação do meio ambiente e patrimônios públicos, muitas vezes esquecidos, ou tão pouco explorados em sala de aula, constatamos a importância da utilização de atividades com caráter lúdico para seduzir os alunos e fazer da aula algo prazeroso para os mesmos.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Linguagens. EJA.



## ABSTRACT

In this work, we have approached the use of *rap* and graffiti as potential languages in the methodological practice for the teaching of School Geography. This research has come out because we have identified potentialities of those tools adopted as didactic resources, providing us with a great deal of possibilities in order to be worked in the classroom. Facing the lack of satisfaction with the mnemonic teaching proposals which is a common aspect to school environment, mainly for Geography teaching, we have seen that those tiresome practices may be easily found in the modality for Young and Adult Education – YAE (EJA in Brazilian Portuguese) – our research focus – where evident problem is the rooted practice in traditional methods and contents with merely descriptive information, not opening possibilities to reflections about the everyday life. Thus, working the student's routine comes to be the most adequate way to get to the knowledge comprehension, taking as a view that, knowing that his previous knowledge will be worth, and that he is active person in the knowledge building, the subject and content gain new meaning, generating pleasure and interest about what is being exposed in the classroom. By responding to those needs, we search by means of using music lyrics of the gender mentioned above, and photographic registrations of graffiti, alternatives to be contributions in the citizenship formation of those people, as well as stimulating and attracting them, enriching each specifics, reality, and opinion of each student, thus giving meaning to their world, and starting debates and knowledge exchange along our meetings. Coming to the conclusion that *rap* and graffiti may become efficient tool in the classroom, mainly to approach topics which were long ago mnemonic, as well as involve values as citizenship, environment preservation, and public property, quite often forgotten, or very little explored in the classroom, making sure the importance of the use of the playful practice in order to attract students thus making the lessons something pleasant for them.

**Key Words:** Geography Teaching. Languages. EJA.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização da Escola Raul Córdula.....	18
Figura 2: Frente da Escola Raul Córdula.....	19
Figura 3: Grafite – Valorização do Semiárido.....	20
Figura 4: Monumento dos Tropeiros.....	26
Figura 5: Grafite selecionado para combate ao tabagismo.....	28
Figura 6: Disco Hip Hop – Cultura de rua.....	29
Figura 7: Alunos em produção textual.....	45
Figura 8: Alunos tirando dúvidas.....	45
Figura 9: Grafite - Saravá a todos os Santos.....	46
Figura 10: Grafite - A verdadeira paz.....	46
Figura 11: Grafite - Governo justo.....	47
Figura 12: Grafite - Trem do forró/Já não há mais coração.....	47
Figura 13: Grafite - Pavão misterioso.....	48
Figura 14: Grafite - A arte existe.....	48
Figura 15: Grafite - Doe Sangue.....	49
Figura 16: Grafite - Ser o que é.....	49

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1. A GEOGRAFIA ESCOLAR E A EJA.....	13
1.1 ESCOLA DA “SEGUNDA CHANCE” .....	13
1.2 GEOGRAFIA ESCOLAR E EJA: UMA ABORDAGEM GERAL.....	15
1.3 CAMPO DE PESQUISA: ESCOLA RAUL CÓRDULA.....	18
2 AS CORES E A VOZ DA CIDADE.....	23
2.1 O MOVIMENTO HIP HOP: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO.....	23
2.2 TINTA NA PAREDE GRITA.....	24
2.3 RAP É COMPROMISSO.....	28
2.4 O RAP E O GRAFITE ENQUANTO LINGUAGENS METODOLÓGICAS.....	31
3 PAPEL, CANETA E CORAÇÃO.....	34
3.1 A LEITURA DO MUNDO PRECEDE A LEITURA DA PALAVRA.....	34
3.2 18 QUILATES DE SORRISO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE.....	56
APÊNDICE A.....	57

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este tópico<sup>2</sup> visa relatar o caminho trilhado pelo Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *O rap e o grafite enquanto linguagens mediadoras na Geografia Escolar: uma abordagem a partir da Educação de Jovens e Adultos*, no qual o primeiro contato foi feito durante a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado I<sup>3</sup>. Neste estágio, o aluno em formação ainda não tem contato com a regência de fato. É apenas um momento destinado à observação dos professores – neste caso específico, de Geografia – da equipe pedagógica, administrativa como também observar a estrutura física da escola. Nas observações realizadas, me chamou bastante atenção a modalidade de Educação de Jovens e Adultos - EJA<sup>4</sup>, pois ali se encontravam sujeitos, de uma particularidade imensurável, me aproximei e tentei compreender o que se passava dentro das salas no qual optei em fazer o acompanhamento de 40 horas-aula. Embora a professora da disciplina buscasse adotar metodologias alternativas em sala de aula, como o uso de charges, músicas, vídeos, entre outros recursos, ainda se mostrava evidente o desinteresse na aula de Geografia por parte dos alunos.

Mediante essa realidade, passei a observar o que estava presente na realidade dos alunos, com várias conversas informais nos corredores possibilitando assim a quebra de bloqueios existentes entre o pesquisador e o grupo, constatei que o rap estava presente na vida de muitos alunos, e logo em seguida fiquei sabendo do *Projeto Geografia e arte na escola*<sup>5</sup> que buscava inovar a prática pedagógica e envolver os alunos com a utilização do grafite, chamando assim a minha atenção para algo que poderia dar certo, se fosse colocado em prática em sala de aula. Com base nesse primeiro contato, o tema foi escolhido, e depois de muitas leituras que enfatizam a relevância da utilização do rap e o grafite como linguagens para o ensino da Geografia e a preocupação com a modalidade de ensino EJA. O ponto de partida foi dado, e buscamos compreender a utilização do rap e do grafite enquanto linguagens didáticas na Educação de Jovens e Adultos.

---

<sup>2</sup> Em um primeiro momento, o texto aparece escrito em 1ª pessoa do singular por relatar uma experiência individual. O restante do texto aparece escrito em 1ª pessoa do plural, por se tratar de uma pesquisa não realizada de maneira isolada.

<sup>3</sup> Estágio Supervisionado Curricular disciplina ofertada no 5º período do curso de Geografia na UFCG, momento destinado à observação da escola campo de estágio, dos professores de Geografia, equipe pedagógica, administrativa e estrutura física, se fazia necessário o acompanhamento de 40 horas-aula (sendo 20 horas/aula no ensino fundamental II e 20 horas/aula no ensino médio).

<sup>4</sup> No decorrer do texto, iremos nos referir a esta modalidade de ensino apenas por sua sigla EJA.

<sup>5</sup> Projeto que contou com a participação de 62 alunos das turmas de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio em parceria com o PIBID do curso de Geografia da UFCG, e o grafiteiro Jonathan de Queiroz no de 2014.

Depois do tema escolhido e da delimitação e formulação do problema, passamos ao objetivo geral, qual seja, o de investigar a utilização do rap e do grafite enquanto linguagens mediadoras na Geografia escolar, a partir da EJA. A utilização do rap e o grafite como linguagens mediadoras para o ensino da Geografia é uma tentativa de buscar alternativas para contribuir na formação cidadã desses sujeitos, como também motivar e atraí-los, valorizando cada especificidade, realidade e conhecimento prévio de cada aluno, assim dando sentido ao seu mundo e abrindo debates e trocas de conhecimentos.

Nesse processo, realizamos na primeira etapa da pesquisa a aplicação de um questionário para obtenção de informações dos alunos da EJA, para que assim pudessemos elaborar e planejar as aulas no turno da noite. De acordo com as informações obtidas no referido questionário, além de conhecer melhor o modo de vida dos alunos e identificar aspectos do cotidiano destes, pudemos trabalhar em sala de aula a relação com a cidadania. A segunda etapa consistiu na prática mediante os resultados dos questionários, no qual contou com a contribuição de uma professora de Geografia, que será chamada de professora T, ajudando no andamento das atividades aplicadas em sala de aula utilizando letras musicais de rap e alguns registros fotográficos de grafites encontrados na cidade de Campina Grande-PB. Na terceira etapa, foi realizada uma aula final para identificar a aceitação e a possível rejeição das práticas adotadas e exercidas em sala de aula, foi o feedback sobre as impressões deixadas mediante à aplicação dos recursos didáticos utilizados.

No que se trata a estrutura do trabalho, este está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo trata da Geografia escolar e sobre a EJA, no qual para muitos é uma escola da segunda chance. No segundo capítulo, buscamos trabalhar o grafite e o rap, em que muitas das vezes nos reportamos a uma explicação histórica para explicar sua utilização nos dias atuais e sua importância como ferramenta de expressão das ruas e de uma voz que não quer calar em meio a tantos problemas vigentes na sociedade, chegando assim à utilização benéfica dessas duas ferramentas como recurso didático nas aulas de Geografia. No terceiro e último capítulo, trabalhamos com o grafite e o rap em sala de aula, utilizando de letras de músicas do gênero supracitado, como de registro fotográficos de grafites encontrados na cidade de Campina Grande-PB, para gerar discussões e reflexões.

## 1. A GEOGRAFIA ESCOLAR E A EJA

### 1.1 ESCOLA DA “SEGUNDA CHANCE”

Percebemos que a existência da modalidade de ensino EJA é vista como uma educação compensatória, e foi a forma mais expressiva que os governantes encontraram para incentivar os alunos que não tiveram uma oportunidade de continuar seus estudos (por inúmeras razões). Sabemos o quanto esses sujeitos sofrem diante de inúmeras interrupções na sua educação, como também em sua alfabetização, fatores esses essenciais na vida do cidadão, conseqüentemente havendo uma exclusão dessas pessoas que não conseguiram prosseguir nos estudos. Essa restrição é feita mediante qualquer atividade no qual a leitura e a escrita se façam necessária, e isso acaba se tornando um dos motivos pelos quais algumas pessoas não só de mais idade retomem seus estudos, como também pessoas jovens que abandonaram, ou seja, a necessidade de obter uma maior qualificação.

Quando é possível retomar para essa escola da “segunda chance”? O que esses sujeitos de fato encontram? Muitas vezes eles encontram professores com uma precária formação para atender essa modalidade, conseqüentemente agravando ainda mais a situação do sujeito que está buscando voltar aos estudos, distanciando muitas vezes de sua realidade e fazendo com que ele desista novamente de estudar. Quando falo dessa precarização estou me referindo teoria/prática, evidente que uma jamais desvinculada da outra. Para melhor compreensão no que se refere à teoria/prática, é importante mencionar o pensamento de Freire (2003, p. 22) “[...] a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablá e a prática, ativismo”.

Dentro dessa perspectiva, é possível encontrar nessa modalidade professores no qual estão simplesmente na teoria, desfocando ainda mais o que o aluno pensa sobre determinado tema, complicando e distanciando-o do seu cotidiano. Perante esse cenário em que se encontra a EJA é necessário projetar um novo olhar para essa modalidade, como sugere Arroyo (2005, p. 22-23):

Quanto mais se avançar na configuração da juventude e da vida adulta teremos mais elementos para configurar a especificidades da EJA, a começar por superar visões restritivas que tão negativamente a marcaram. Por décadas, o olhar escolar os enxergou apenas em suas trajetórias escolares truncadas: alunos evadidos, reprovados, defasados, alunos com problemas de frequência, de aprendizagem, não concluintes da 1ª à 4ª ou da 5ª à 8ª. Com

esse olhar escolar sobre os jovens-adultos, não avançaremos na reconfiguração da EJA.

É preciso que essa reconfiguração seja iniciada, para que essa segunda chance não se torne, terceira, ou quarta chance, ou seja, levando a desistência desses sujeitos. A importância de uma valorização nessa modalidade é primordial, desde as universidades revendo os currículos para uma melhor formação e capacitação dos profissionais, como também “ampliar o financiamento destinado a EJA e rever a situação de despreparo e desvalorização profissional dos educadores que a ela se dedicam” (DI PIERRO, 2010, p. 954).

Outra característica encontrada na modalidade EJA, é sua função para formação de cidadãos, tendo como apoio Gohn (1999), no qual o autor trata da educação não formal como um “processo de formação para a cidadania, de capacitação para o trabalho, de organização e de aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados” (p. 98-99). Portanto, a EJA se encontra nesse contexto por ser uma modalidade de ensino voltada às classes populares, oferecidas tanto em espaços formais, como também em espaços não formais. Desta forma, Garcia (2007) assinala que a EJA é um “movimento social dentro da própria educação não formal [...], que atende um público defasado em relação idade-seriação” (p.37).

Diante dessa configuração da EJA, faz-se importante ultrapassar os “muros da escola”, e sim compreender as relações socioespaciais existentes no cotidiano dos alunos. Partindo desta perspectiva, o espaço urbano aparece como possibilidade de análise para o ensino da Geografia, destinando-se o mesmo à construção da cidadania.

É necessário entender que a compreensão do espaço urbano e de aspectos da sociedade, requer, por parte dos alunos, um entendimento das múltiplas dimensões (naturais e sociais) existentes no seu cotidiano, para que seja possível refletir e analisar aspectos socioespaciais que estão bem presentes no dia a dia destes.

Para pensar a relação do cotidiano dos alunos com a Geografia, no tópico a seguir iremos abordar esta como disciplina escolar e sua contribuição para a Educação de Jovens e Adultos.

## 1.2 GEOGRAFIA ESCOLAR E EJA: UMA ABORDAGEM GERAL

As disciplinas escolares são construtos histórico-sociais (CHERVEL, 1990), sendo assim, compreendemos que a disciplina escolar Geografia tem uma história que faz da relação desta com a ciência de referência, mesmo uma sendo independente da outra. É sabido que esta nasce no Brasil com o propósito de formar cidadãos patrióticos, passando por períodos distintos em que se configuram permanências e mudanças (ALBUQUERQUE, 2011) no que se referem as suas práticas disciplinares.

No que se refere às práticas de ensino, Albuquerque (2011) nos sinaliza que a insatisfação com as propostas de ensino mnemônicas na Geografia é um aspecto comum no ambiente escolar. Tal insatisfação ainda hoje também é encontrada na modalidade de Educação de Jovens e Adultos- EJA, na qual nos deparamos com sujeitos que por motivos diversos, perderam a oportunidade de cumprir suas atividades escolares na idade correta. Assim a importância de oferecer e praticar métodos de ensino críticos e diferenciados com os alunos dessa modalidade bastante heterogênea é essencial para atingir uma consciência de mundo, como também de cidadania, inserindo-os em um contexto no qual, muitos se consideram excluídos.

Sabendo que a Geografia enquanto disciplina escolar tem um objetivo tanto social como político na modalidade de ensino EJA, no qual carrega instrumentos e mecanismos próprios que contribuem para a construção do conhecimento dos alunos dessa modalidade supracitada, como também na sua formação enquanto cidadão e sua socialização, com base em leis e decretos. É o processo de integração de grande importância dos indivíduos em um grupo assim desenvolve o sentimento coletivo, e consequentemente, adquirindo os hábitos que o capacitam para viver numa sociedade. Para Serra (2013),

[...] a aula de Geografia na EJA, evento que expressa a relação entre alunos jovens e adultos trabalhadores, professores e o conteúdo geográfico escolar, deve ser vista como fruto de uma série de ações políticas que vêm se articulando e se consolidando recentemente e que caracterizam a EJA vivenciada hoje nas escolas, nos movimentos sociais, e nos diversos programas e projetos que têm como objetivo a elevação da escolaridade da população brasileira (p. 151).

Sendo assim, o que conecta o aluno da EJA a esse mundo social e de constante mudança é a necessidade de uma melhora profissional, ou seja, o mundo do trabalho é uma referência essencial para entendimento desses sujeitos que procuram essa



modalidade, muitos com o objetivo de não serem mais excluídos de uma sociedade que a cada dia cobra mais capacitação, principalmente no que diz respeito ao mercado de trabalho.

Logo, diante das diversas particularidades encontradas na EJA, a Geografia enquanto disciplina escolar deve se envolver de modo que as perspectivas desses sujeitos sejam atendidas e entendidas, não desrespeitando seus conhecimentos prévios, considerando que muitos alunos trazem consigo, uma bagagem de experiência que muitas vezes é deixada de lado decorrente da abordagem feita em sala de aula.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da EJA (DCNEJA), o texto é evidente:

A EJA é momento significativo de reconstruir estas experiências da vida ativa e resignificar conhecimentos de etapas anteriores da escolarização articulando-os com os saberes escolares. A validação do que se aprendeu "fora" dos bancos escolares é uma das características da flexibilidade responsável que pode aproveitar estes "saberes" nascidos destes "fazer" (BRASIL, 2002, p. 78).

A importância de valorizar o conhecimento prévio dos alunos da EJA é um passo primordial para relacionar a Geografia enquanto disciplina na vida desses sujeitos, no qual é irrefutável essa relação, cotidiano e Geografia, pois essa área do conhecimento traz, em sua grande abrangência, uma relação evidente nas diferentes áreas do conhecimento, além do respaldo necessário para a compreensão do homem enquanto sujeito ativo em um mundo extremamente dinâmico. Para Cavalcanti (1998), o papel da Geografia:

é o de prover bases e meios de ampliação da capacidade dos alunos de apreensão da realidade sob o ponto de vista da espacialidade, ou seja, de compreensão do papel do espaço nas práticas sociais e destas na configuração do espaço. [...] Há um caráter de espacialidade em toda prática social, assim como há um caráter social da espacialidade (p. 11).

Portanto, o espaço geográfico é planejado e construído com base em um pensamento social, criando uma ferramenta que permite analisar a realidade em sua dimensão material e em sua representação para que seja possível compreender a espacialidade atual. Através do ensino da Geografia, fazer com que o aluno pense de modo geográfico e assimile os conteúdos expostos em sala de aula, parece tarefa difícil. Os alunos se distanciam cada vez mais da disciplina, criando barreiras para

aprendizagem. Não basta expor os conteúdos geográficos e ficar apenas em momentos descritivos, é importante abordar a realidade que os cercam. Para Cavalcanti (2006):

Todo esse processo requer que a Geografia ensinada seja confrontada com a cultura geográfica do aluno, com a chamada geografia cotidiana, para que esse confronto/encontro possa resultar em processo de significação e ampliação de cultura do aluno (CAVALCANTI, 2006, p. 72).

Mas a realidade no ensino dessa disciplina não é bem assim, pois sabemos que a Geografia ensinada por vezes é vista para os alunos como algo sem significado e distante da realidade cotidiana. Como por exemplo, enquanto se nega a cidade, esse caminho continuará obscuro para os alunos em sala de aula. Sposito (1994) afirma que:

Cabe a Geografia pensar a densidade e potencialidade da noção de cidade para o entendimento do mundo moderno. Significa refletir o conceito e a dimensão desse conceito. Se não entendemos o que é a cidade em sua dimensão teórica e prática, se ignorarmos que a cidade passa por uma crise cujo o sentido está no seu processo de reprodução (e não fora dela), se não tentarmos para o significado da noção de reprodução e onde estão as condições de possibilidades de transformação da vida na cidade, não vamos caminhar no sentido de refletirmos sobre a crise teórica da cidade (p. 118).

Partindo dessa perspectiva, a cidade e sua relação com nossa vida aparecem como possibilidade importante no ensino da Geografia, assim envolvendo os sujeitos que estão relacionados com a construção do espaço o urbano, não apenas se limitando ao conteúdo, mas partindo para uma reflexão mais complexa acerca dessa relação. De acordo com Cavalcanti:

Mais do que conteúdos, é necessário, também, ensinar-lhes modos de pensamento e ação, ou seja, por meio de atividades proporcionadas nas aulas, por meio do trabalho com conteúdos, os professores devem proporcionar o desenvolvimento de certas capacidades e habilidades (2008, p. 34).

Portanto, fica evidente a importância da Geografia escolar, principalmente na EJA, sendo esta fundamental para raciocinar e interpretar a realidade e as relações espaciais do cotidiano do aluno, chegando a uma valorização e respeito desses sujeitos encontrados nessa modalidade de ensino com o seu dia a dia. Sobre a importância da disciplina Geografia para a EJA, discorreremos no tópico a seguir.

### 1.3 CAMPO DE PESQUISA: ESCOLA RAUL CÓRDULA

Nesse tópico iremos apresentar a escola em que foi realizada a pesquisa, dando ênfase ao turno da noite, turno pouco explorado e cheio de riquezas e incertezas. A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula, localizada na Rua Gábio de Oliveira Araújo, s/n, Bairro Cruzeiro, Campina Grande, estado da Paraíba.

A referida escola funciona durante três turnos, pela manhã e tarde com o ensino fundamental e médio, durante o turno da noite fundamental, médio e o EJA (Educação de Jovens e Adultos). A modalidade EJA (Ensino Médio e Fundamental) funciona em 12 salas de aula, sendo 4º ciclo A, B, C (8º e 9º ano, ensino fundamental), 5º ciclo A, B, C, D, E (1º e 2º ano, ensino médio) e o 6º ciclo A, B, C, D (2º e 3º ano, ensino médio). Os livros didáticos fornecidos pela Secretaria de Estado da Educação da Paraíba são pouco utilizados, pois os professores afirmam que os mesmos sempre chegam com bastante atraso e trazem poucos conteúdos e textos que correspondam ao público e ao contexto dessa modalidade de ensino.

A escola atende diversos bairros da cidade de Campina Grande – PB, como por exemplo, os bairros Presidente Médici, Jardim Borborema, Ressureição I, Ressureição II, Novo Cruzeiro, Cruzeiro, e o distrito dos mecânicos. Conforme a figura a seguir, é possível observar os bairros que estão no entorno da escola.



Figura 1: Localização da Escola Raul Córdula.

Fonte: PIBID Geografia, 2014.

Como podemos observar na figura 2, a frente da escola apresenta pichações e, apesar da escola ter passado por uma reforma recentemente, ela se encontra bastante depredada. Isso são atitudes corriqueiras, e que nos fazem refletir perante a utilização do grafite em sala de aula, no qual provoca a reflexão das pessoas em ambientes que elas estão inseridas. Isso traz aspectos positivos diante dos alunos, pois buscam uma maior aproximação da realidade dos mesmos. Implementar o grafite como linguagem metodológica em sala de aula, seria introduzir de maneira sutil e eficaz os conteúdos da Geografia e abordagens de valores pouco explorados em sala de aula, além de despertar o interesse dos alunos em aprender os conteúdos de forma interativa, prática e lúdica<sup>6</sup>.



Figura 2: Frente da Escola Raul Córdula.  
Fonte: Acervo do autor, 2015.

Essa abordagem em sala de aula vem em consonância com a aplicação das novas formas preconizadas para a disciplina de Arte na escola conforme a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 que deve ser desenvolvido os aspectos culturais aliados a conteúdos presentes na realidade do educando. Essa abordagem foi encontrada na Escola Prof. Raul Córdula através do *Projeto Geografia e arte na escola*.

Tal projeto, foi realizado pelo PIBID-Geografia-UFCG (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/Subprojeto Geografia), no qual a arte do grafite foi utilizada como recurso didático para se trabalhar temas e conteúdos geográficos. A seguir, um dos grafites presentes na escola:

---

<sup>6</sup> É necessário salientar que entendemos por prática lúdica a definição trazida por Dias (2013) ao afirmar que esta é toda atividade pedagógica que perpassa o brincar pelo brincar provocando a reação ativa, crítica e criativa dos alunos.



Figura 3: Grafite – Valorização do Semiárido. Local: Escola Raul Córdula.  
Fonte: Acervo do autor, 2016.

O projeto abordou temas como a valorização do semiárido nordestino e a utilização dos recursos hídricos na Paraíba. Para tanto, contou com aulas, palestras e oficinas de grafiteagem com os alunos. Percebemos como resultado da ação deste projeto, que para as representações expressas nas paredes da escola, conseguiram sensibilizar e chamar atenção para temas tão importantes do nosso cotidiano.

Este foi um dos nossos estímulos de pesquisa. Sendo assim, no tópico a seguir, conheceremos melhor as turmas envolvidas e a escola campo de pesquisa.

### 1.3 CAMPO DE PESQUISA: ESCOLA RAUL CÓRDULA

A caracterização das turmas está aqui apresentada por meio das observações realizadas durante a pesquisa. Sendo assim, no que se refere à esta, podemos partir da premissa que as salas de aula não possuem sujeitos iguais e sim uma grande diversidade, como também boa parte dos alunos da Escola Prof. Raul Córdula são moradores de regiões periféricas que estão nas imediações da escola. Em conversas e questionários aplicados com estes sujeitos, percebemos que estes vivenciam a realidade das periferias, e de certo modo muitos se sentem excluídos da sociedade, eles não sentem que a escola oferece uma educação que contemple os interesses do público que ela atende.

A falta de diálogo é outro ponto bastante presente na realidade desses alunos. Entendemos que o diálogo entre a escola e o aluno pode ser uma ferramenta eficaz, para combater os problemas encontrados no universo escolar e social do aluno, fazendo com que, conforme observado, a escola deixe de ser uma instituição organizadora de seu espaço interior de forma isolada e voltar-se para a sociedade onde as diferenças estão presentes, dando um passo a mais e quebrando estereótipos e embates sociais. Tal participação pode ser feita mediante a utilização de estratégias metodológicas, bem como inserir recursos didáticos nas aulas, de forma a torná-las, mais estimulantes para os alunos, assim como a compreensão dos conteúdos. Antunes (2014) deixa evidente a necessidade de que aconteça uma transformação primeiramente no processo de formação dos professores acerca de suas metodologias para que não fique apenas na estrutura física da escola, mas que atinja uma transformação geral. Para tanto, o autor nos coloca:

Então, como transformar a escola? Creio que o primeiro passo é transformar, de maneira coerente e consistente, o processo de formação do professor, senão teremos uma escola transformada arquitetonicamente, mas não uma sala de aula transformada em suas vivências e práticas (ANTUNES, 2014, p.18).

Concordamos com a afirmação do autor, porém, para uma transformação efetiva da escola, precisamos nos preocupar com a formação sobre o ponto de vista das condições de ensino, sobre a qualidade daqueles que ministram aulas e sobre a constituição de um professor de para a escola básica (SILVA, 2011).

O aluno, por sua vez, mais próximo de sua vivência e de tudo que ele percebe no dia a dia, tem mais espaço e liberdade de expressão de sua identidade, e essa relação do aluno com o cotidiano pode facilitar o seu aprendizado pelo potencial discursivo que o grafite e o rap possuem, e, de quebra, é uma oportunidade de desenvolver sua imaginação, criatividade e comunicação.

As turmas que foram trabalhadas foram o 4º ciclo A, 4º ciclo B, 4º ciclo C, turmas com muitos alunos matriculados, mas poucos alunos frequentando, uma realidade característica das três turmas, além de estar presente em sala sempre aqueles alunos do fundo da sala, que ficam com conversas sem nexos com a aula e atrapalhando muitas vezes as atividades que o professor está exercendo. Até parece lei em cada sala, alunos no fundo brincando e conversando, com uma necessidade, sem igual, de chamar atenção dos demais alunos que estão presentes em sala de aula, e que muitas vezes se

sentem incomodados com tanto barulho e não conseguem prestar atenção no que está sendo exposto pelo professor.

Outra característica bem explícita nas turmas é a falta de estímulo em ler e escrever, sempre que a professora escreve alguma coisa no quadro, eles já questionam “*é muita coisa que a senhora vai escrever professora?*”. Problema esse que reflete na escrita de muitos e a dificuldade fica evidente quando pedimos para eles fazerem uma produção textual, a uma desculpa padrão, “*estamos cansado professora, passamos o dia trabalhando*”.

Diante das observações e da análise dos questionários, colocamos todo um planejamento em prática e em conjunto com a professora T, tentamos trilhar um caminho junto com esses sujeitos que tanto cobram práticas que não sejam tão mnemônicas e enfadonhas.

## 2 AS CORES E A VOZ DA CIDADE

### 2.1 O MOVIMENTO HIP HOP: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO.

O hip hop, teve sua origem no sul do Bronx<sup>7</sup> (distrito de Nova York) nos anos 1970, mediante a um imigrante jamaicano chamado Kool Herc, que começou a misturar vários estilos musicais como o dub jamaicano, o funk, jazz, entre outros estilos, culminando em um estilo de vida. E assim foi aprimorado por Afrika Bambaata, que em 12 de Novembro de 1973, fundou o Zulu Nation, uma organização que tinha como objetivo a autoafirmação do movimento, que invocava a “paz, união e diversão”, além de definir os quatro pilares que constituem a cultura hip hop: O MC (Mestre de Cerimônia), o DJ (esse responsável pelo ritmo da música), o Break (a dança) também conhecido como breaking ou B-boying, e o Grafite (arte plástica).

E assim ficaram estabelecidas os quatro pilares do hip hop que perpetuam até os dias atuais, em que cada sujeito tem a liberdade para representar um papel específico, fazendo valer a criatividade de quem participa, não utilizando o recurso da violência. Mediante as carências de boa parte dos jovens do Bronx na época, o movimento hip hop se fortaleceu nas ruas, com “batalhas” não violentas entre as gangues com o objetivo de pacificar e assim desenvolver uma competição artística. E até hoje, no dia 12 de novembro é celebrado o dia mundial do hip hop.

No Brasil, o movimento surgiu nos anos 1980<sup>8</sup> por intermédio dos bailes da época, mas ainda não havia uma ideia evidente do movimento do hip hop, e através da mídia foi propagada uma “febre chamada Break Dance”, dando início aos B-boying, e disseminando esse estilo de vida no Brasil. Os pioneiros do movimento, que inicialmente dançavam o Break, foram Nelson Triunfo, depois Thaíde & DJ Hum, Os Metralhas, Os Jabaquara Breakers, os Gêmeos e muitos outros. Eles dançavam e se encontravam na 24 de maio, em São Paulo, mas começaram alguns problemas com os lojistas locais, e com isso tiveram que mudar para outra localidade, indo para a Estação São Bento, e outro grupo foi para a Praça Roosevelt. E assim o movimento foi criando raízes e ganhando força no Brasil.

---

<sup>7</sup> Por falta de referências, as informações foram extraídas de uma entrevista com um dos fundadores da cultura Hip Hop Afrika Bambaata, no portal showlivre, reportagem de Nathalia Birkholz, para um quadro chamado radar no ano de 2009.

<sup>8</sup> Por falta de referências as informações foram extraídas de uma sequência de matérias sobre o surgimento de hip hop em São Paulo, programa Manos e Minas da Tv Cultura, no ano de 2010.



## 2.2 TINTA NA PAREDE GRITA

O ato de escrever e desenhar nas paredes é muito antigo, segundo Soares (2007):

Apesar de o surgimento do grafite remontar à pré-história, evidenciam-se, na produção dos grafites contemporâneos, temas e formas que sugerem um constante diálogo, quase atemporal, entre essas escritas pré-históricas e contemporâneas. Nessa época, os hominídeos representavam por meio de pinturas rupestres, nos muros das cavernas, o seu cotidiano, o modo de viver e se relacionar com o mundo. As imagens geralmente são permeadas por temas religiosos, políticos, sociais e culturais. É o primeiro momento em que o homem, mediante o uso imagético, passa a representar os sentidos que norteiam a sua vida. De acordo com Celso Gitahy (1999:11-12), 'aquelas pinturas rupestres são os primeiros exemplos de graffiti que encontramos na história da arte' (p. 2).

Portanto, essas representações por meio de pinturas rupestres presentes em cavernas, são um marco inicial das expressões sociais. Esses aspectos permearam durante bastante tempo como forma de comunicação da sociedade existente na época. Dentro desta perspectiva, o grafite passou por diversas transformações em sua essência, caminhando por novos rumos e ganhando novas formas, se propagando e evoluindo com a sociedade. Ao longo do período histórico o grafite não foi visto como manifestação artística, mas sim com um caráter marginalizado, mediante as formas como eram impostas no meio social, como explica Soares (2007), mediante ao surgimento desse movimento no Estados Unidos:

O ponto de partida é o fim da década de 60. Nos Estados Unidos, 1966 a 1971 foi o período em que imigrantes negros e porto-riquenhos inscreveram as suas tags (assinaturas em inglês), juntamente com os números de suas casas, nos trens e muros dos subúrbios da Filadélfia e da Pensilvânia e, posteriormente, de Nova York, chamando a atenção da população e da imprensa (p. 3).

Muitas pessoas no Brasil fazem uma severa crítica à pichação e ao grafite, podemos identificar uma maior aceitação a esta última, assim culminando em uma diferenciação nítida entre essas duas artes de rua perante a sociedade, no qual a pichação é caracterizada pelo vandalismo nos muros, edifícios, monumentos, empresas privadas, bancos e vias públicas, com o objetivo de degradar o espaço. Nas fontes pesquisadas, existe discordância referente ao ano inicial, que varia entre os anos de

1964 como ato de protesto contra o regime ditatorial e início dos anos 1970, tendo seus primeiros registros na cidade de São Paulo (TARTAGLIA, 2007; SOARES, 2007).

Portanto, esses acontecimentos advindos de atos de repreensão imposta pelo governo da ditadura militar, alicerçam esse movimento no qual passam a dar um caráter de contestação à realidade nas décadas de 1960 e 1970. Assim incrementando na sociedade reflexões da população aos atos impostos pelo governo, portanto, servindo futuramente como ponte para as representações do grafite na modificação urbana enquanto arte de rua. Partindo de uma particularidade de um determinado período, em que atos de rebeldia eram expostos através de grifos nos ambientes públicos como formas de expressar e reivindicar algo que não estava sendo aceito perante a sociedade, essas reivindicações estavam diretamente ligadas às questões sociais, e consequentemente refletido na cidade, alterando a paisagem. Desta maneira, contendo um objetivo evidente de remodelar e enfatizar uma nova forma de expandir ideias, modificando o ambiente e chamando atenção de quem vive naquele espaço urbano.

Seguindo esse ponto de vista, Elizabet Souza (et al, 2007, p. 4) afirma que: “A pichação é entendida, por uma maioria de seus sujeitos-leitores, como um ato de vandalismo, com o único e exclusivo intuito de depreciar o patrimônio público”. Em contrapartida o artista de rua Ivan Sudbreck afirma o sentido ideológico das pichações: “a arte será sempre um reflexo social de um povo, no nosso caso reflexo de um povo oprimido” (GITAHY, 1999, 23).

Já o grafite para alguns é uma arte que embeleza e para outros deixa mais feia a cidade, associando o grafite ao lado pejorativo da pichação, no qual para muitos o grafite é uma "pichação evoluída". Para outros, é uma arte urbana. Mas o fato é que ele está presente em diversas partes da cidade: banheiros públicos, fachadas de edifícios, muros, casas abandonadas, metrô, orelhões, postes, entre outros lugares expostos. Mas apesar de sofrer preconceitos de alguns sujeitos, o grafite já é visto com outros olhos por muitos, é incorporado e agregado como expressão artística capaz de modificar o espaço urbano, através de suas significações simbólicas e de representação crítica/reflexiva.

No entanto, perante o poder público essas artes já sofrem distinções, na Lei nº. 9.605/98 o grafite e a pichação são considerados crime, porém passa a vigorar com a seguinte redação dada pela lei nº 12.408/11 no qual descriminalizar o ato de grafitar:

Lei dos Crimes Ambientais. Lei nº. 12.408/11. Seção IV: Dos Crimes contra o Ordenamento Urbano e o Patrimônio Cultural. Art. 65. Pichar, ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano. Pena-detenção, de três meses a um ano, e multa. Parágrafo primeiro. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa. Parágrafo segundo. Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional (BRASIL, 2011).

Podemos notar um exemplo claro desses dois pontos de vista em fatos que aconteceram na cidade de Campina Grande-PB nos últimos anos, e foram veiculadas na mídia. Conforme a figura abaixo, um dos monumentos mais importantes de Campina Grande, foi alvos de pichações:



Figura 4: Monumento dos Tropeiros.  
Fonte: TANN, 2016.

A figura acima demonstra um ato de pichação que ocorreu na cidade de Campina Grande, no qual produziu um discurso de indignação bastante forte em meio a população, além de sofrer várias críticas dos diversos veículos de comunicação, como por exemplo, uma reportagem que foi exibida no dia 11 de março de 2016 na TV

Paraíba, afiliada da Rede Globo, *Pichadores causaram danos ao patrimônio público em Campina Grande – PB*, expondo o seguinte:

Campina Grande amanheceu com um dos seus maiores patrimônios pichado, não somente uma demonstração de vandalismo, mas uma manifestação também de desrespeito, de falta de consciência civil... Monumento muito importante, cartão postal de Campina Grande... Infelizmente amanheceu desse jeito, mas para quem não sabe pichação é crime (Jornal da Paraíba, 11 de março de 2016).

Notamos a indignação acerca desse ato de pichar, e ainda na reportagem é exposto um pouco da importância desse monumento para cidade, já que se trata de um símbolo da cidade, o repórter também cita a Lei nº. 12.408/11, citada anteriormente. Dentre as atitudes tomadas inicialmente, será feita a limpeza dos monumentos, pela secretaria de serviços urbanos e meio ambiente, além de mobilizar a polícia militar para acionar as câmeras, para identificar os pichadores. O mesmo repórter finaliza deixando bem evidente que *“é muito importante a gente deixar claro, e dizer que essa pichação é bem diferente de grafiteagem”* (Jornal da Paraíba, 11 de março de 2016).

Assim é a visão da sociedade para esses atos de pichação, mas no dia 16 de agosto de 2012, foi exibida uma reportagem também na TV Paraíba intitulada: *Grafiteagem colore a cidade de Campina Grande*, no qual fala:

Quem anda em Campina Grande já percebeu que em algumas paredes o grafite está presente com uma infinidade de cores, são figuras que se misturam e passam mensagem educativas, feitas pelos grafiteiros, para quem não sabe essa arte é totalmente diferente da pichação.... Uma parede lisa, uma ideia na cabeça, e uma infinidade de cores dentro de uma mochila, tudo pronto para o nascimento de uma obra de arte, com trações fortes, os artistas do grafite, transformam paisagem sem graça, em locais cheios de cor e vida (Jornal da Paraíba, 16 de agosto de 2012).

Nessa reportagem além de valorizar a arte do grafite, faz também uma crítica a pichação no qual um grafiteiro explica que *“a pichação é a questão mais de demarcar território, de fazer o seu nome em função de uma sigla... e o grafite vem da pichação, a gente não pode negar... mas foi evoluindo e ganhando cores, novas técnicas”* (Jornal da Paraíba, 16 de agosto de 2012). Finalizando a reportagem, o repórter informa que um grafite foi selecionado para estampar uma campanha nacional contra o tabagismo, conforme a figura a seguir.



Figura 5: Grafite selecionado para combate ao tabagismo.  
Fonte: MARKEL, 2012.

Essa diferenciação abordada nas reportagens também é facilmente encontrada no cotidiano das pessoas, isso faz com que a pichação sofra mais retaliação da sociedade, e o grafite ganhe mais força e respeito enquanto arte, e aos poucos ganhando seu espaço e voz na cidade e assim expondo suas mensagens.

O grafite e a pichação fazem parte de uma voz da comunidade no qual não se deixa calar, fazendo uma mistura criativa, rebelde, contestatória, política, e muitas vezes agressiva para alguns, mas não podemos ignorar o fato de se apropriarem do espaço urbano e assim modificar sua paisagem de forma a destacar alguma manifestação, ou indignação consequente da realidade ali vivida. Em suma, esse tipo de expressão diz o que a cidade realmente clama, além de dar outro visual ao cinza no cotidiano urbano. Entendemos que os grafites rabiscam a pele da cidade, e a partir de um muro, o grafite convida uma reflexão a vida que sofre. É uma arte que está exposta na rua para quem quiser ver, podendo ser interpretado de várias formas, seja um simples desenho decorativo ou uma crítica contra algo, vai depender do sentimento que está guardado dentro de cada artista.

### 2.3 RAP É COMPROMISSO

Esse tópico trata do rap e sua capacidade de influência, como também sua função perante a sociedade, já que para muitos ele é a voz de um povo oprimido, mas antes é importante fazer um breve aporte histórico de como o rap surgiu no Brasil. Esse

movimento<sup>9</sup> surgiu no Brasil na década de 1970, quando era comum a realização de bailes black nas periferias dos grandes centros urbanos. No início dos anos 1980, foram surgindo alguns rappers, como Thaíde, Dj Hum, Mc Jack, O credo que era uma dupla no qual Ruberval Marcelo Oliveira, mais conhecido como Who e Fábio Aparecido da Motta, conhecido como Kaseone participavam, entre outras figuras importantes do rap naquele momento. O disco “*Hip Hop Cultura de Rua*”, de 1988, foi um marco na história do rap no Brasil, no qual foi à primeira coletânea de rap nacional, em que estavam presentes os rappers supracitados, entre outros. Conforme a imagem abaixo:



Figura 6: Disco Hip Hop – Cultura de rua.  
Fonte: Acervo do autor, 2016.

Um dos idealizadores desse disco foi Who, que teve produção de Nasi da banda Ira, tornando-se um marco musical definitivo, reunindo a primeira geração do rap nacional, já relevando aspectos do cotidiano, e logo depois desse disco foi surgindo músicas com mais protestos e contestações e sim o rapper foi ganhando espaço nas periferias e no dia a dia das pessoas. Como relata Who em entrevista:

O lançamento do disco marcou a abertura de alguns caminhos. Artistas que formaram uma ‘resistência’ às rádios e equipes que determinavam o caminho a ser trilhado, esse grupo que procurou as praças e ruas para continuar a ter sua arte em uma perspectiva crítica, transgressora e principalmente independente! E os outros que cederam à sedução da fama e dinheiro rápido oferecido pelas equipes e rádios. Hoje a cultura Hip Hop se espalhou pelas ruas, quebradas, pelo Brasil inteiro. A resistência deu certo. E

<sup>9</sup> Por falta de referências, as informações foram extraídas de uma sequência de matérias sobre o surgimento de Hip Hop em São Paulo, no programa Manos e Minas da TV Cultura, no ano de 2010.

serve até para quem deu as costas para a rua. (Site Bocada Forte, 11 de abril de 2016).

Após esta breve abordagem do surgimento do rap no Brasil, agora iremos abordar a importância do rap na sociedade, em que ele é um instrumento capaz de levar a uma reflexão através de suas letras, visando denunciar problemas sociais, com o objetivo de solucionar, ou pelo menos, minimizá-los. Problemas esses não apenas existentes nas periferias das cidades, mostrando assim que o rap atua de forma imparcial, sem excluir nenhuma classe social, assim permitindo a liberdade de expressão.

O rap pode facilmente ser utilizado para abordar questões que permeiam em torno dos problemas sociais presentes no cotidiano. Ele tem uma função primordial de despertar o sentimento de identidade mediante as suas mensagens. Conforme Rocha, “atualmente o rap está em todas as partes do mundo, tendo influenciado e, ao mesmo tempo, sofrido influência das culturas locais, como do cordel presente, principalmente, no nordeste brasileiro” (2005, p.10).

Consequentemente, o rap tem influenciado gerações, e seu discurso, condiz com a realidade de muitos sujeitos na sociedade, em detrimento a omissão do governo, essa identidade girava em torno da periferia, por serem bairros mais carentes e marginalizados. Não só o rap, mas o movimento Hip Hop, tem esse laço com a periferia, muitas vezes representando a luz no fim do túnel, e dando total assistência a comunidade. Em concordância com Tella:

Essa cultura inclui atividades organizadas por grupos de rap, breakers ou grafiteiros que sempre tiveram como objetivo resgatar a essa cultura inclui atividades organizadas por grupos de rap, breakers ou grafiteiros que sempre tiveram como objetivo resgatar auto estima, principalmente do jovem negro, bem como tentar construir identidades coletivas, mediante o discurso e a postura dos integrantes do movimento hip hop. Nas letras dos raps a construção de uma identidade positiva e a reflexão sobre os problemas do cotidiano dão a tônica das músicas (...). Creio que o rap possibilita, para quem reside na periferia de São Paulo, tornar o simples momento de escutar o rap em um disco ou show um gesto de discordância social (1999, p. 59).

Entretanto, o rap cresceu e atravessou barreiras, e não está somente descrevendo a realidade das periferias, mas também o cotidiano da cidade. Desde sua origem, o rap andou na contramão da indústria musical, utilizando apenas recursos alternativos para difundir as suas produções independentes, sem nenhum vínculo ou dependência de gravadoras que dominam o mercado, e se manter à margem desse mercado, de certo

modo o fez bem, pois preservou, sua essência. Mas esse movimento independente ganhou força e vem fazendo frente as gravadoras, e nos dias atuais podemos ver rappers na mídia e expressando seus discursos para o público em geral. Porém o rap com um teor mais crítico ainda não ganhou tanto espaço nos veículos de comunicação como a TV e o rádio, mas ganhou força na internet e a mensagem vem sendo propagada.

#### 2.4 O RAP E O GRAFITE ENQUANTO LINGUAGENS METODOLÓGICAS

É crucial a preocupação em levar aos alunos recursos didáticos que possam contribuir de alguma forma na construção do seu conhecimento, para que resulte em um maior aproveitamento escolar pelos alunos. A utilização da música como recurso didático em sala de aula, nesse sentido o gênero musical rap, tem como objetivo promover uma ligação entre o conhecimento e sua realidade. Segundo Ongaro (2006, p.1), “a música com maior ou menor intensidade está na vida do ser humano, ela desperta emoções e sentimentos de acordo com a capacidade de percepção que ele possui para assimilar a mesma”. Portanto, é evidente que a música está presente em nossa vida e conseqüentemente em nosso cotidiano. O rap, como recurso didático, tem um papel importante na reflexão e participação dos alunos, possibilitando, que o conteúdo não seja apenas transmitido, e sim construído e compreendido, culminando na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Para Contador e Ferreira (1997, p.68) “o rap é provocação. É provocação quando fala do gueto, é provocação quando fala da polícia, é provocação quando fala de racismo, é provocação quando fala de discriminação sexual”. Para esses autores o rap é uma ferramenta que relata condições sociais e cotidianas, e acaba se tornando uma voz importante na forma de expressão de uma juventude de características urbanas. Portanto ao utilizar o rap nas aulas de Geografia, é possível interagir e se reinventar neste espaço de grandes incertezas que é o mundo, onde buscamos superar os problemas sociais e preconceitos mesclados com o corre-corre cotidiano e sufocante que enfrentamos diariamente. As ideias ou mensagens contidas nas letras de rap podem levar o aluno à reflexão crítica sobre o mundo, além de proporcionar o contato direto com a cultura e a arte que vem sendo muitas vezes deixada de lado. É importante ouvir o que o rap tem para nos passar, como linguagem metodológica as letras desse gênero musical podem estimular a reflexão e a criticidade uma vez que o “material didático, seja qual for a sua



modalidade, é aquele que incentiva, facilita ou possibilita o processo ensino-aprendizagem” (NÉRICI, 1987, p. 204).

Partindo dessa perspectiva da utilização de um material didático atrativo, podemos também usufruir de um outro olhar sobre a cidade. O grafite, linguagem no qual nos possibilitam repensar a cidade, estabelecendo outros pontos de vista, o que implica, em termos geográficos, uma reeducação do olhar sobre a paisagem. O filósofo Jean-Marc Besse afirma sobre a paisagem:

Estamos aqui diante de uma outra relação com o visível, diante de uma outra noção do visível. O visível conta algo, uma história, ele é a manifestação de uma realidade da qual ele é, por assim dizer, a superfície. A paisagem é um signo, ou um conjunto de signos, que se trata então de aprender a decifrar, a decifrar, num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção. A ideia é de que há de se ler a paisagem (2006, p. 64).

Estimular os alunos a ler a paisagem a partir de outros olhares, ou linguagens, permite repensar as marcas que refletem na sociedade. De maneira complementar, o olhar precisa ser estimulado, e assim, não se contentar em apenas observar, mas também interagir, e interpretar a mensagem que está querendo ser passada através de determinado grafite exposto em algum lugar da cidade, e através dessa percepção da imagem, dar um significado e compreender o que está acontecendo naquela paisagem urbana, já que de certa forma os grafites “gritam”, ou seja, desejam passar alguma mensagem a quem está observando.

Existir uma ligação entre o conteúdo que está sendo exposto em sala de aula, com o aluno é muito importante para que aconteça uma interação e aprendizagem. Para Libâneo (2008):

A aprendizagem de conteúdos concorre mais eficazmente para o desenvolvimento da personalidade se há uma ligação entre o conteúdo e os motivos do aluno, o que implica a necessidade de adequar os conteúdos às disposições e interesses de faixa etária atendida (p.148).

Fazer com que essa ligação conteúdo e realidade do aluno exista na modalidade EJA, é importante que o professor faça uma reflexão a cerca dessa modalidade que atende sujeitos bastante heterogêneos, para que possa mediar didaticamente a aula, tendo em vista não só os seus objetivos, mas também o dos alunos que ali se encontram.

Cavalcanti, (2002, p. 47), afirma que:

O ensino da Geografia contribui para a formação da cidadania através da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades e valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam [...] O exercício de cidadania na sociedade atual, por sua vez, requer uma concepção, uma experiência, uma prática- comportamentos, hábitos, ações concretas – de cidade.

Dessa maneira, utilizar como linguagem metodológica o rap e o grafite no ensino da Geografia, é poder construir a compreensão de elementos formadores da sociedade, e assim contribuir na formação da cidadania dos alunos em sala de aula, levando a todos o exercício do “direito” à cidade que todos têm. Aplicar um novo olhar, advindo de um sujeito consciente das transformações existenciais na sociedade é primordial, é o momento em que o aluno verá que é possível questionar a necessidade de novos cenários. Assim, por meio de recursos didáticos atraentes à produção de conhecimento e socialização de saberes será bastante produtiva em sala de aula. São recursos complementares e associados, que jamais deverão ser dados como verdade absoluta para o ensino da Geografia, mas sim como ferramenta condutora.

### 3 PAPEL, CANETA E CORAÇÃO

#### 3.1 A LEITURA DO MUNDO PRECEDE A LEITURA DA PALAVRA

Neste capítulo iremos falar da atividade prática feita nesta pesquisa, mas antes de tudo vale uma reflexão acerca do subtítulo “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, inspirado em Paulo Freire, educador, de grande importância e respeito, por sua dedicação e suas obras direcionadas para a educação. Falar em “leitura de mundo” é se referir diretamente ao legado desse educador. Para Paulo Freire, o sujeito primeiramente ler o seu mundo, ferramenta fundamental para que ele possa compreender a importância do ato de ler, conseqüentemente refletindo sobre o mundo, e não ficando apenas na leitura mecânica. O ato de ler o mundo faz com que o sujeito se sinta curioso a compreender a complexidade que o cerca, tornando-o um cidadão humano, transformador, reflexivo, que não apenas sabem, mas sabem que sabem.

Trazendo para uma abordagem geográfica, encontramos na fala de Cavalcanti que “a leitura do mundo do ponto de vista de sua espacialidade demanda a apropriação, pelos alunos, de um conjunto de instrumentos conceituais de interpretação e de questionamento da realidade sócio-espacial” (1988, p. 25).

Em nossa atividade prática, selecionamos letras de rap e imagens de grafites captadas em diversos locais da cidade de Campina Grande-PB. Utilizamos uma abordagem interdisciplinar, apostando em letras e grafites que revelassem e/ou refletissem sobre o cotidiano da cidade e dos próprios alunos.

Para comprovar o quanto o rap e o grafite podem ser linguagens metodológicas interessantes no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia, relataremos adiante a pesquisa de campo realizada com os alunos do 4º ciclo A, B e C (8º e 9º ano) em um período de 5 semanas de aula (na terça feira 5 aulas, e na quarta feira 4 aulas, totalizando 9 aulas por semana, e 45 aulas no final de toda a pesquisa). É preciso elencar a variação do número de alunos por aula, era constante a mudança no que se refere a quantidade, no qual em muitas aulas estavam presentes em sala 20 alunos e outras vezes as aulas com 9 alunos, não conseguindo obter um número exato de alunos matriculados por sala de aula, pois a caderneta ainda não estava disponível para os professores.

Em relação aos comentários dos alunos<sup>10</sup>, podemos notar a confirmação do desgaste diante do tratamento metodológico imposto à Geografia em seu fazer escolar. Isto vem confirmar, diante dos questionários aplicados nessas três turmas que foram o

---

<sup>10</sup> É necessário evidenciar que os trechos estão aqui transcrito na forma original de escrita dos respondentes.

recorte da pesquisa, mediante os vários questionamentos acerca das metodologias que iram ser aplicadas. Deixamos claro que o objetivo não seria apenas repassar conteúdos, mas sim, contextualiza-los na sua realidade de vida, para que a Geografia ganhe significado e importância em sua vida cotidiana.

No próximo tópico ficará evidente a visão desses alunos mediante as suas repostas no questionário, como também os resultados que foram alcançados em sala de aula, em virtude do que foi exposto utilizando as letras musicais de rap como também os registros fotográficos dos grafites.

### 3.2 18 QUILATES DE SORRISO

O objetivo da aplicação de questionários se deu em conhecer mais os alunos, como também saber a opinião desses sujeitos acerca da Geografia em seu cotidiano, a utilização do rap e grafite para o ensino dessa disciplina, a diferença entre o grafite e a pichação, entre outros questionamentos que serão vistos mais a frente.

A primeira, indagação presente no questionário: “O que você entende por Geografia?”. Dos quarenta alunos que responderam esta questão, foram selecionadas<sup>11</sup> algumas repostas já que muitos deixaram algumas questões sem resposta, pois não saberiam o que responder. Referente à pergunta supracitada eles responderam da seguinte forma:

*“O estudo dos países em geral, mapas, localizações, escalas, entre outros”.*

*“Eu entendo que Geografia é a ciência que estuda os estados e regiões”.*

*“O mapa do Brasil”.*

*“Eu entendo nada, mais ao longo do ano pretendo entender. So sei que ela estuda os mapas”.*

*“Eu não entendo nada”.*

*“Bem, há muitos preceitos, e geografia estuda o espaço e tudo que nele se inclui”.*

*“O que eu entendo por geografia é: A exploração de mapas, discussões de economia, sobre regiões e sub-regiões, PIB. Explorando mais podemos estudar as culturas de cada região”.*

---

<sup>11</sup> As respostas aqui selecionadas não tiveram um critério específico. Ao analisarmos os questionários, selecionamos as respostas que mais chamaram atenção.

Diante dessas respostas percebemos o pouco que eles entendem por Geografia, observando que apenas um levou em consideração que a mesma é uma ciência, e muitos outros não responderam, ou falaram que não entende nada dessa disciplina. Dando sequência as perguntas, partimos do seguinte questionamento: “Quais as contribuições que você percebe da Geografia em seu cotidiano?” E as respostas foram:

*“Em nosso dia a dia percebemos a contribuição da geografia, até saber o nome de uma cidade próxima ao um país afastado”.*

*“Porquê tem sempre pessoas perguntando o nome dos lugares”.*

*“O conhecimento de ruas, bairros e cidades”.*

*“Nos dependemos muito da geografia, pois sem ela estaríamos sem direção”.*

*“Não sei muito”.*

*“Pesquisa de censo”.*

Alguns alunos não responderam essa questão, pois eles não conseguiam interligar a Geografia ao seu cotidiano, e essa pergunta foi primordial para obter a informação a respeito do conhecimento geográfico desses alunos no cotidiano. Outra questão foi: “Você gosta da aula de Geografia?”.

*“Na verdade, eu não gosto de nenhuma das aulas, porém preciso delas para um futuro melhor”.*

*“Sim, é uma ótima aula”.*

*“Não”.*

*“Sim, porque conhecemos muito sobre mapeamento do nosso planeta, nossa vida social, econômica, política e estatística”.*

*“Sim, só acho um pouco cansativo”.*

Percebemos que a Geografia não é a disciplina preferida dos alunos, mas também não é a mais odiada, porém é visível a visão dos alunos acerca de uma disciplina cansativa e não tão atrativa. Até aqui, os alunos expuseram sua opinião em detrimento da Geografia escolar, agora destacaremos as perguntas que se referem à

utilização das metodologias propostas na pesquisa, com a seguinte pergunta: “Você acha possível utilizar o rap nas aulas de Geografia? Justifique.”

*“Não acho certo, porque atrapalha mais ainda”.*

*“Sim, porque fala da cultura de algumas regiões”.*

*“Não porque é uma aula de geografia não escola de musica agente não precisa porque vira uma bagunça nem todo mundo gosta”.*

*“Sim, o rap em si ensina muitas coisas e alerta a muito tempo a corrupção do sistema brasileiro”.*

*“Sim, se todos os alunos colaborar”.*

*“Sim, depende das letras das músicas”.*

*“Não, esse tipo de estudos não combinam com musicas”.*

*“Sim, porque iria chamar atenção dos alunos”.*

*“Sim, tem um jeito para se lembrar da musica, fica na mente”.*

Obtivemos as mais diferentes opiniões, mas uma resposta me chamou bastante atenção, no qual o aluno respondeu *“sim, porque diferente de outras coisas que na atualidade chamam de ‘música’, o rap nocional ainda é uma das poucas que tem ‘letras’ e pode trazer um ideia bacana, não só para o dia a dia, mas sim para a sala de aula, diferente de muitos, o rap é música e não barulho!”*. É interessante a percepção que esse aluno apresentou. No final da aula o mesmo nos procurou e ficou bastante interessado pela proposta, pois gostava muito de rap, e achou bacana a ideia trabalhar este como recurso didático em sala de aula. Outra pergunta foi: “Qual sua visão sobre o grafite?”.

*“Desenhos traduzindo nas maiorias das vezes nossos cotidianos”.*

*“Que é uma arte que expressa o que as pessoas sentir”.*

*“Não curto muito”.*

*“Não gosto muito mais é uma arte”.*

*“O grafite na minha visão como artista de rua, pra mim é uma coisa que deveria ser levada a todos os cantos do mundo, não só como um ato de vandalismo, mas sim, como um sentimento que foi deixado, uma cidade colorida é uma cidade com vida”.*

Uma outra pergunta ligada ao grafite foi: “Você identifica alguma diferença entre o grafite e a pichação?”

*“Grafite é arte pichação é crime”.*

*“Parece que o grafite é uma forma legal de pichar as paredes, e a pichação é uma forma de vandalismo”.*

*“Sim, o grafite contem cores variadas e a pichação só utiliza a cor preta”.*

*“Não, a maioria dos grafiteiros são pichadores”.*

*“Sim, a pichação é composta apenas de letras, tipo: nomes, frases, protestos etc. A pichação em minha visão como “artista de rua” e não vândalo, pra mim é sentimento em cada caligrafia. Já o grafite ele composto de várias outras características do tipo: esbousos, riscos, pintura, contorno, sombras, muitos deles psicodélicos (realistas) outros mais simples”.*

Opiniões variadas sobre o grafite, mas a respeito da pichação há quase um consenso. Apenas um aluno ver como arte, pois o mesmo pratica, assim obtendo uma visão diferente dos outros sujeitos, que acham a pichação crime e vandalismo. Chegando a mais uma questão sobre o grafite que pergunta: “Você acha possível utilizar os grafites nas aulas de Geografia? Justifique”.

*“Sim. Pois muitos deles trazem um ideia bacana que podem ser usadas nas aulas”.*

*“Sim, da mais realidade a aula”.*

*“Sim, porque seria uma forma diferente de aprender”.*

*“Sim, as aulas ficam mais interessantes”.*

*“Sim, como os grafiteiros tem muitas ideias e criatividade, acho que seria produtivo”.*

*“Sim, seria interessante”.*

O grafite se mostra bem aceito perante os alunos, pois todos acham que seria uma ferramenta que poderia ajudar no ensino, e nas aulas de Geografia, percebemos que

os alunos gostam de trabalhar com imagens, pois eles não gostam de escrever, e quando se perguntou “Por que você optou em estudar na modalidade EJA?” Eles responderam:

*“Porque trabalho o dia todo”.*

*“Porque estava um pouco atrasado”.*

*“Por conta da minha idade e também por repetido demais por conta do trabalho”.*

*“Por que eu que me adiantar”.*

*“Para terminar mais rápido”.*

*“Porque eu reperti 3 anos e tenho que acabar logo para trabalhar”.*

*“Tenho uma filha, não tem que fique com ela a tarde e tive que estudar a noite”.*

A mistura de interesse fica bem visível diante dessas repostas, pois a realidade da EJA tem essa heterogeneidade, e faz com que ocorram casos bem particulares, mas quando foi perguntado “Sofre algum preconceito em fazer parte dessa modalidade de ensino?” A resposta foi não para boa parte dos entrevistados. Apenas uma pessoa falou contradizendo, *“Sim, me faz sentir uma pessoa incapacitada”.*

Essa realidade exposta pelos questionários nos fez entender mais dos alunos e as suas opiniões acerca da Geografia, como das práticas que serão inseridas nas aulas. Com as dificuldades interpretadas pelos questionários e pela vivência com os sujeitos da pesquisa, planejamos as aulas e algumas propostas para serem abordadas em sala de aula, e a professora T, aceitou e contribuiu bastante para a realização da pesquisa, participando com opiniões e ideias.

Em um primeiro momento, utilizamos um vídeo baseado no best-seller “Quem mexeu no meu queijo?” no qual faz uma reflexão acerca das mudanças que estão presentes em nosso cotidiano, metaforizando o queijo, que seria os objetos que nos prendem, e assim fazendo uma crítica a quem está satisfeito, e na zona de conforto, nos levando a refletir sobre o novo, que somos sujeitos que devemos estar sempre nos aprimorando e conhecendo novas formas de ver o mundo. Essa reflexão caiu muito bem, pois abordamos “as novas práticas” que iriam ser utilizadas nas aulas. Assim, quebramos o gelo com a turma, levando eles a pensar na mudança, uma alteração necessária e que poderia ajudá-los na aprendizagem.

Depois de seguidos debates em sala de aula, levamos o disco *Hip Hop Cultura de Rua* – apresentado na figura 5 - para os alunos visualizarem e terem um contato



direto com a obra e assim poder começar a inserir algumas letras de rap nas aulas. Este foi um momento em que os alunos se mostraram empolgados e ansiosos pela novidade.

Selecionamos e utilizamos duas músicas. A primeira delas *Eu só peço a Deus* – do Grupo Inquérito<sup>12</sup>, no qual segue abaixo a letra da música:

### Eu só peço a Deus- Inquérito

[Sampler]

"Eu só peço a Deus... "

[Verso 1]

Deixa eu te falar, vim te confessar  
 Acho que eu também sou poeta e não aprendi a amar  
 Cruzes que eu já carreguei, cada um com a sua é a lei  
 Ontem mesmo eu perguntei: "Por que que eu nunca parei? Ein? "  
 Quer saber o que me move? Quer saber o que me prende?  
 São correntes sanguíneas, não contas correntes  
 Não conta com a gente pra assinar seu jornal  
 Vocês descobriram o Brasil, né? Conta outra Cabral  
 É um país cordial, carnaval, tudo igual  
 Preconceito racial mais profundo que o Pré-Sal  
 Tira os pobre do centro, faz um cartão postal  
 É o governo trampando, Photoshop social  
 Bandeirantes, Anhanguera, Raposo, Castelo  
 São heróis ou algoz? Vai ver o que eles fizeram  
 Botar o nome desses cara nas estrada é cruel  
 É o mesmo que Rodovia Hitler em Israel

[Sampler]

[Verso 2]

Também quero a revolução, mas não sou imbecil  
 Quem não sabe usar um lápis, não vai saber usar um fuzil  
 Por isso os mic, as Mk e os spray pra mostrar  
 Quem vai tá preparado pra segurar as Ak  
 Mas vem cá, ó na rua é salve geral e os moleque, sobe os Pm  
 E o rap tenta ser legal, se esvazia e sobe os Bpm  
 E quanto mais as velocidade  
 Vê-ve-velocidade das batida aumenta  
 Maior viagem, mas as mensagens  
 São entendidas em câmera lenta  
 Nosso esporte predileto ainda é lotar os bares  
 Esvaziar os lares, mano, nós somos milhares  
 Miseráveis na arquibancada se matando  
 E os 22 milionários se divertindo em campo (Haha...)  
 Violência vicia soldado e eu sei bem (Bem!)  
 A guerra não é santa nem aqui e nem em Jerusalém  
 É o Brasil da mistura, miscigenação  
 Quem não tem sangue de preto na veia deve ter na mão

[Sampler]

Eu só peço a Deus!

INQUÉRITO, *Eu só peço a Deus*. CD: **Corpo e alma**. 2014.

<sup>12</sup> É interessante ressaltar que o vocalista do grupo, Renan, é professor de Geografia.

A segunda música foi do rapper Rael – *Diferenças*, no qual muitos se identificaram com essa letra, por ele narrar algo que está presente no nosso dia a dia, problemas de uma cidade que está sendo tomada por carros, e fazendo com que passemos horas dentro de um ônibus, como podemos evidenciar na abaixo letra a seguir:

### Diferenças

Era seis da manhã, eu peguei o busão  
 Depois de esperar vem naquele padrão  
 Sem lugar pra sentar nem apoio de mão  
 Poucos falam um ?A?, muitos reclamação  
 De costume eu vou, meto o fone de ouvido e partindo  
 Duas horas pra chegar no destino  
 É, na praça da Sé, com centavos que sobrou  
 Senhor, por favor, um minicafé  
 É hora de entrar, bater o cartão  
 E aí, como tá, bom dia, patrão  
 Dez minutos atrasado, ele nem me responde  
 Porque mora do lado, problema meu que moro longe  
 Firmão, isso é pouco pra mim, tru  
 Tenho que tramar pra pagar minha facu  
 Os livros são caros, o meu tempo é raro  
 Se não estudar, tru, tomo mó preju  
 É, às vezes o que é bom pra você  
 Outros tão dispensando e não quer nem saber  
 Tu tá se matando e lutando pra ter  
 Outros tão só gozando e tirando um lazer  
 É, às vezes o que é bom pra você  
 Outros tão dispensando e não quer nem saber  
 Tu tá se matando e lutando pra ter  
 Outros tão só gozando e tirando um lazer

São diferenças sociais  
 São diferenças extremas  
 São diferenças desleais  
 Pra uns é mó sofrimento  
 Pra outros fácil demais

Às dezoito eu saio do trampo, vou a milhão  
 Embarco no metrô, pego mais um busão  
 A milhão só minha mente porque mó lentidão  
 Que é horário de pico e só motos que transitam  
 Mas chegando no ponto corri, fui, dei um gás  
 Já perdi muitas aulas no mês, não posso mais  
 Mas fui surpreendido, ó só, irmão, vai vendo  
 Os polícia me parou porque tava correndo  
 E demorou, cena humilhante  
 Até provar pros bico que eu era estudante  
 Chegando lá na faculdade  
 É tu se preparar pra lidar com outra realidade  
 É você ver os boy falar pro cê  
 Que acordou às três da tarde porque foi no rolê  
 Que gastou mais de mil conto pra fumar e beber  
 Que eu devia ter colado e que mosquei de perder

É, às vezes o que é bom pra você

Outros tão dispensando e não quer nem saber  
 Tu tá se matando e lutando pra ter  
 Outros tão só gozando e tirando um lazer  
 É, às vezes o que é bom pra você  
 Outros tão dispensando e não quer nem saber  
 Tu tá se matando e lutando pra ter  
 Outros tão só gozando e tirando um lazer

São diferenças sociais  
 São diferenças extremas  
 São diferenças desleais  
 Pra uns é mó sofrimento  
 Pra outros fácil demais

Eu chego sempre cansado, ele todo empolgado  
 Eu meio estressado, ele muito engraçado  
 Na corrida da vida ele já vai disparado  
 E eu tô lá atrasado, com os braços atados  
 Eu não invejo, não, mas quem dera eu, tá ligado  
 Nascer no berço de ouro e o que quisesse comprado  
 E ele nem é culpado de com dinheiro nascer  
 Complicado pra nois, difícil por não ter  
 Mas firmão, vou seguindo na caminhada  
 Uns têm, outros não têm, então cada um cada  
 E a escada tem vários degraus pra subir  
 Complicada, mas eu sei que vou conseguir  
 Vou nessa aí, tenho que estudar  
 Ele diz que não, que o esquema é um bar  
 Eu disse sumemo, então pode pá  
 Preciso correr, um dia chego lá

É, às vezes o que é bom pra você  
 Outros tão dispensando e não quer nem saber  
 Tu tá se matando e lutando pra ter  
 Outros tão só gozando e tirando um lazer  
 É, às vezes o que é bom pra você  
 Outros tão dispensando e não quer nem saber  
 Tu tá se matando e lutando pra ter  
 Outros tão só gozando e tirando um lazer

São diferenças sociais  
 São diferenças extremas  
 São diferenças desleais  
 Pra uns é mó sofrimento  
 Pra outros fácil demais

É isso mesmo, parceiro  
 Alguns têm, outros não têm  
 Mas quem tem dinheiro tem dinheiro

RAEL, Diferenças. CD: **Ainda Bem Que Eu Segui As Batidas Do Meu Coração**. 2013.

Com base nas duas letras apresentadas, debatemos em sala de aula com os alunos aspectos destas que tivessem ligação com seu cotidiano e com a Geografia. Além da letra da música o clipe ajudou bastante, pois descrevia muito bem o que estava sendo falado, e a discussão foi m proveitosa acerca da identidade deles com a música, porém

eles persistiam com uma dificuldade em assimilar a letra e o seu cotidiano com a Geografia. Em virtude dessa dificuldade, se fez necessário uma abordagem dos conceitos-chave da Geografia. Segundo Cavalcanti:

[...] para formar um pensamento espacial é necessário que (o aluno) forme conceitos geográficos abrangentes. [...] esses conceitos são ferramentas fundamentais para a compreensão dos diversos espaços, para a localização e a análise dos significados dos distintos lugares e de sua relação com a vida cotidiana. [...] Os conceitos geográficos mais abrangentes com que tenho trabalhado são: paisagem, lugar, região, natureza, sociedade e território (2008, p. 36).

Foi primordial fazer essa abordagem em sala de aula, pois o déficit de conhecimento deles, acerca desses conceitos era preocupante. Com algumas explicações, os conceitos foram mais bem compreendidos, e assim eles foram, aos poucos, interligando o que estava sendo exposto em sala de aula, com as músicas, e conseguindo fazer uma ponte com o dia a dia de cada um.

Para ultrapassar mais uma barreira, a barreira da escrita, mesmo considerando a resistência dos alunos nesse aspecto, pedimos aos alunos que fizessem uma produção textual, utilizando o que estava sendo passado pelas letras de músicas utilizadas nas aulas anteriores, relacionando com o cotidiano de cada um. Nesse momento, houve um pouco de temor por parte de alguns logo no início da atividade, mas logo em seguida tomaram gosto e foram se sentindo a vontade para escrever. Segue abaixo alguns recortes, retirado de respostas que nos chamaram atenção:

*“[...] Os MC muitos deles vem de uma periferia humilde como muitos deles vieram do morro as pessoas tem preconceito acha que muitos deles são bandidos e não dão chance deles mostrar seu talento”.*

*“[...] aqui mesmo em Campina, as crianças nos sinais de transitos sendo exploradas pelos pais, sendo obrigada a trabalhar para ajudar a família[...]”.*

*“[...] me identifiquei [...] porque diariamente enfrentamos a correria do nosso dia, onde muitos pensam que conquistar algo na vida é facil, mas quando vem o preço que nos pagamos, logo eles desistem em obter”.*

*“As vezes nem sempre o problema está no proprio Brasil, mas sim nas pessoas que nem sempre ajuda o proximo quando ele precisa de uma ajuda, de um bom dia, as pessoas estão sendo muito mal educadas esta faltano amor ao proximo[...] Acordo as 5 da manhã pra pegar o onibus e chegar em casa as 23 horas da noite as vezes muito cansado,*

*mais necessário pra ajuda a sua familia em casa, agente pobre nem sempre somos culpados pelo falta de dinheiro de educação, pois não viemos de um berço de ouro e muitas juga por isso e pra completar os politicos corruptos não ajuda na educação de quem precisa[...]”.*

*“[...] fala um pouco da luta do rap sobre sua função na sociedade, diz que nós em geral esvaziamos os lares da gente e enchemos os bares e com isso trazendo a angustia de nossos familiares [...] O Brasil é uma vergonha comparado a outros países em relação a desigualdade social, racial, financeira e politica, temos que mudar isso já”.*

*“[...] uma parte da musica me chamou muito atenção que é exatamente oque eu passo tenho que trabalhar, pra com um tempo fazer faculdade”.*

*“[...] nos se viramos do jeito que podemos e com a força lá de cima conseguimos sobreviver, crianças que estão se perdendo no sub-mundo das drogas, do crime que cresce a cada dia, por falta de incentivo na educação de jovens e adultos [...]”.*

*“As musicas de rap da ideia para pensar e olhar ao nosso redor e analisar que as letras da ideia do Brasil como anda disleal por conta da corrupção, desigualdade social e racial, são uma verdadeira critica [...]”.*

*“Meu pensamento quando a letra da musica fala photoshop social é se referindo as falsas propaganda das pessoas que tem o “poder” fala ou bota em cartazes dizendo que vai ajuda a sociedade melhorar a educação etc. Por isso que fala photoshop porque da um jeitinho aqui e “arruma” outra coisa ali e ta tudo feito [...]”.*

*“[...] sabemos que ela (a politica) está com problemas. Porém temos que rever nossos erros, para a gente poder reorganizar nossos governos [...]”.*

Observamos que muitos conseguiram se expressar, e se sentiram motivados ao tratarem de algo do seu cotidiano, pois em sala de aula muitos eram os elogios em virtude do que estava sendo exposto, os alunos sempre ficavam até o final das aulas, e algumas vezes o diretor foi na sala de aula, avisar que o colégio já estava fechando e só restava nós naquele ambiente. Tudo isso foi fazendo com que aqueles alunos que não se identificavam com o gênero musical, passaram a respeitar e observar as letras de rap com um olhar mais crítico e reflexivo, e cada aluno com base nessas letras de músicas conseguiram levar um pouco de seu dia a dia para sala de aula, e compartilhando com os demais colegas, estimulando todos a participarem, até mesmo aqueles que ficavam no fundo da sala bagunçando.

Através dessa atividade percebemos muitas mudanças na turma, uma maior atenção nas aulas, uma preocupação no que está sendo colocado como resposta, sempre nos chamando para tirar alguma dúvida, e a prova disso são as figuras 7 e 8 a seguir:



Figura 7: Alunos em produção textual.  
Fonte: Acervo do autor, 2016.



Figura 8: Alunos tirando dúvidas.  
Fonte: Acervo do autor, 2016.

Essa atividade com análise nas letras de rap foi primordial para abrir discussões que não estavam em nossa expectativa, abrindo caminho para inserir os grafites e fazermos análises dos mesmos através de registros fotográficos que foram escolhidos aleatoriamente na cidade. Conforme as figuras abaixo:



Figura 9: Grafite - Saravá a todos os Santos. Local: Centro de Campina Grande.  
Fonte: MARKEL, 2016.



Figura 10: Grafite - A verdadeira paz. Local: Bairro da Prata.  
Fonte: MARKEL, 2016.



Figura 11: Grafite - Governo justo. Local: Centro de Campina Grande.  
Fonte: MARKEL, 2016.

As figuras 9, 10 e 11 foram expostas em sala de aula para discutimos uma realidade presente em nossas vidas, a religião. Foi um debate caloroso e muito produtivo, estamos diante de um Brasil com uma diversidade expressiva no que diz respeito à religião, e essas discussões estão bem presente no nosso dia a dia, e cada um contribuiu da melhor forma.

Outra abordagem bastante interessante que foi usada através dos grafites foi a cultura, em que foi debatido valores antigos, e para alunos que falaram que Geografia não é cultura, conseguimos atrelar e fazer uma relação bastante interessante com o cotidiano desses alunos, conforme as figuras abaixo:



Figura 12: Grafite - Trem do forró/Já não há mais coração. Local: UFCG.  
Fonte: MARKEL, 2016.



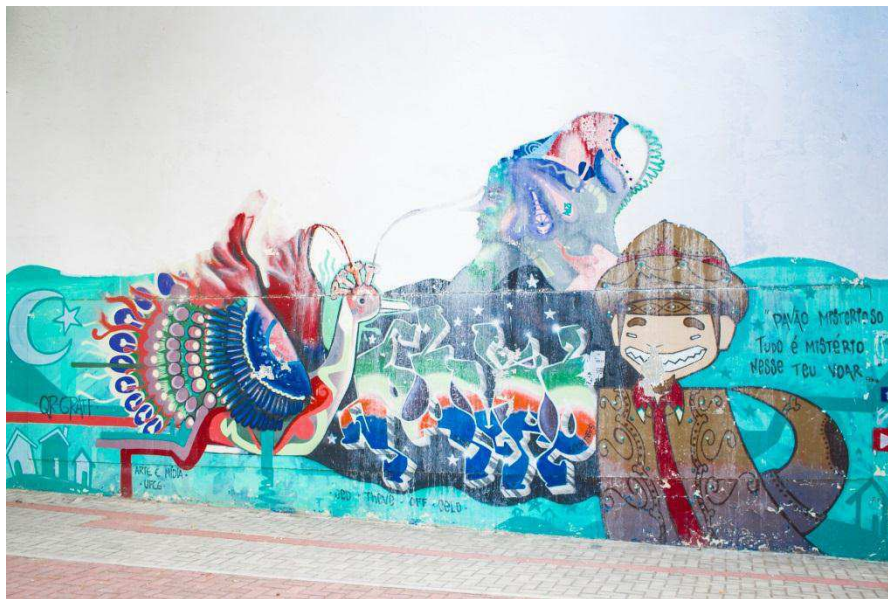


Figura 13: Grafite - Pavão misterioso. Local: UFCG.  
Fonte: MARKEL, 2016.



Figura 14: Grafite - A arte existe. Local: UFCG.  
Fonte: MARKEL, 2016.

As figuras 12, 13 e 14 são referentes a uma discussão sobre a cultura, em que foi levantada a crise de música de qualidade e raiz que passa o forró, gênero musical bastante presente em nossa região e em nossa cidade, em virtude de sediar o evento junino conhecido como maior São João do mundo. Como também o grafite do pavão misterioso, em que muitos alunos ligaram a música cantada na voz de Ney Matogrosso, a cultura da TV, que é uma marca na sociedade brasileira, ou seja, muitos debates foram

criados em sala de aula para interpretar e assim cada um expor sua opinião, sempre ligando ao dia a dia, com histórias e experiências vividas. Fechando a aula com os grafites de cunho mais social, conforme as figuras a seguir:



Figura 15: Grafite - Doe Sangue. Local: Bairro Catolé.  
Fonte: MARKEL, 2016.



Figura 16: Grafite - Ser o que é. Local: UFCG.  
Fonte: MARKEL, 2016.

As figuras 15 e 16 são importantes porque tratam de aspectos que estão sempre em discussão no nosso dia a dia, a doação de sangue mais precisamente na cidade de Campina Grande-PB está em debate, pois o Hemocentro está com o banco de sangue

muito abaixo, e esse grafite incentiva a doação, já o outro grafite trata da valorização de ser o que é, independente da raça, gênero etc. São debates que estão sempre no cotidiano dos alunos e são de grande relevância em sala de aula, pois o professor não deve negligenciar a realidade, em virtude de um conteúdo no livro, ou de uma atividade atrasada, é preciso sair dos padrões e fazer com que os alunos se sintam à vontade em expor suas ideias.

Essas atividades mostram o quanto é possível deixar uma aula de Geografia interessante. É um processo lento, mas aos poucos foram aparecendo os resultados, e no último encontro com a turma foi possível notar a aceitação dos alunos, e aprovação do que foi utilizado em sala de aula, como o relato da professora T:

*Normalmente, com base em observações empíricas, os estudantes da modalidade EJA, enfrentaram diversas desistências, por vezes também reprovações, deixando-os levemente fora da faixa etária adequada. O termo levemente foi empregado pelo fato, de verificarmos nesta escola em larga escala, a predominância de jovens em detrimento de adultos.*

*Em razão, dessas questões, o andamento do conteúdo especificamente para esses alunos torna-se mais lento, tal qual a apreensão do mesmo, o que torna a EJA no momento, uma das modalidades mais difíceis de ser trabalhada. As dificuldades e até desinteresse pelas aulas são frequentes, muitos alunos afirmam estarem na instituição apenas para obter um certificado ou socializarem-se com um grupo.*

*Diante deste quadro complicado, foi possível perceber através do uso da música, e também das imagens (grafite), que os estudantes começaram a se interessar mais pelas aulas. Alguns alunos com sérios problemas de concentração e comportamento avançaram quanto à postura e interesse em sala de aula, após a apresentação da relação existente entre as músicas de rap e a Geografia assim como a conexão entre o grafite e a paisagem urbana.*

*Os aprendizes passaram a participar mais em sala de aula, exporem suas ideias, produzirem textos, realizando uma análise entre as músicas de rap, sua vida e os problemas sociais, e desta forma, passaram a entender e refletir em níveis significativamente superiores.*

*Contudo, o trabalho não foi fácil, tendo em vista que, os estudantes apresentam deficiências de base e demasiadamente severas, no entanto, foi possível entender que através de uma metodologia lúdica, consistente e intrínseca a realidade dos discentes, exposta e desenvolvida por Bismark Fernandes é viável progredir substancialmente o nível de aprendizagem efetiva dos nossos alunos.*

Como afirma Castrogiovanni (1998):

O ensino de geografia deve priorizar a análise do espaço vivido e as práticas do espaço percebido, transportando-as para as representações do espaço concebido. Devemos conhecer a psicogênese das operações e representações do espaço-temporal, assim como suas questões socioespaciais. O ensino de geografia deve oportunizar situações em que o aluno teorize e textualize as suas significações (p.83).

Portanto, a importância de contextualizar e formar cidadãos críticos e sensibilizá-los com o cotidiano e a realidade em que vivem, pensamos em procurar algum recurso didático que fugisse do modo tradicional e mnemônico presente nas escolas, e ao mesmo tempo não fosse tão usualmente comum dentro do ensino da Geografia. Dentro dessa perspectiva, utilizar o recurso das letras de rap e grafite como um material didático foi bastante produtivo e fez com que prática a do ensino da disciplina alcançasse uma abordagem metodológica inovadora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidente, no transcorrer da pesquisa executada, que o rap e grafite são excelentes instrumentos de ensino, quando bem utilizados, pois despertam do aluno o seu senso crítico e sua capacidade de interpretar o cotidiano e contextualizar aspectos da Geografia, com a cidade vivida por eles. Isso motiva o aluno na aula e faz com que ele passe a raciocinar geograficamente sobre os assuntos que os cercam no dia a dia.

Os alunos fizeram análises dos grafites e das letras de rap e conseguiram assimilar com a realidade social vivida, foram descobrindo aos poucos o prazer de estudar Geografia. Durante todo o trabalho, o aprendizado foi constante por ambas as partes, pois a busca por novas abordagens metodológicas é essencial para a aprendizagem, abrindo novos caminhos para atuação do professor em sala de aula. São mecanismos diferenciados e que sofrem bastante preconceitos. Mas estereótipos estão por aí, para serem quebrados, e esses rótulos não cabem no ambiente escolar, ambiente este que discursa sobre a liberdade e autonomia, não podemos não nos prender ao tradicional.

Com esta pesquisa, podemos afirmar que o professor não é detentor de todo o conhecimento, mas sempre estará em um processo de aprendizagem para ir além, e não apenas passar conteúdos e decorar conceitos, mas construir o conhecimento com os alunos, se apropriando do cotidiano e fazendo reflexão sobre o que está sendo exposto, para que estes sujeitos percebam que realmente são cidadãos ativos no espaço.

Muitos são selecionados para lecionar, mas poucos conseguem a façanha de se tornar um professor. Utilizar a abordagem lúdica, em que se preza uma prática que estimula a criatividade, prazer e criticidade dos alunos na construção do conhecimento, não tem preço.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. M. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: REGO, N. et al. (Orgs.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 13–30.

ANTUNES, C. ALVES, R. **O Aluno, o professor, a escola: Uma conversa sobre educação**. Campinas, SP: Papyrus 7 mares, 2014.

ARROYO, M. G. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETT, M. A.; GOMES, N. L. (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, 2000. Disponível em: [http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/resolucao\\_CNE\\_CEB\\_01\\_2\\_000.pdf](http://confinteabrazilmais6.mec.gov.br/images/documentos/resolucao_CNE_CEB_01_2_000.pdf) Acesso em de março de 2016.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm) Acesso em março de 2016.

BESSE, J. M. **Ver a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CASTROGIOVANNI, A. C. E agora, como fica o ensino da geografia com a globalização?. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998. p.81-84

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas (SP): Papyrus, 1988.

\_\_\_\_\_. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

\_\_\_\_\_. Ensino de Geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, S. (Org.). **Educação Geográfica: teoria e práticas docentes**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 66-78.

\_\_\_\_\_. **A Geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas (SP): Papyrus, 2008.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**. Porto Alegre, v. 2, 1990. p. 177 -229.

CONTADOR, A. C.; FERREIRA, E. L. **Ritmo & Poesia – os caminhos do rap**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997.

DI PIERRO, M. C. **A educação de jovens e adultos no Plano Nacional de Educação: avaliação, desafios e perspectivas**. Educ. Soc. [on-line]. 2010, vol. 31, p. 939-959.

DIAS, A. M. L. **Linguagens lúdicas como estratégia metodológica para a Geografia escolar na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1935)**. [Dissertação de mestrado] UFPB: João Pessoa, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GARCIA, V. A. Educação não-formal: um mosaico. In: PARK, M. B; FERNADES, R, S; CARCINEL. **Palavras-chave em educação não-formal**. Campinas-SP: Editora Setembro, 2007. p. 31-52.

GITAHY, C. **O que é Graffiti?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o sociativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e prática**. 5. ed. Revista e ampliada. Goiânia: MF Livros, 2008.

NÉRICI, I. **Didática geral dinâmica**. 9ª ed. - São Paulo: Atlas, 1983.

ONGARO, C.F.; SILVA, C.S.; RICCI, S.M. **A importância da música na aprendizagem**. UNIMEO/CTESOP, 2006.

ROCHA, C. **Hip Hop**. São Paulo: Abril, 2005.

SERRA, E. Políticas de currículo e prática docente em Geografia na Educação de Jovens e Adultos. In: ALBUQUERQUE, M. A. M.; FERREIRA, J. A. S. (orgs.). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 151 – 182.

SILVA, J. L. B. Quais saberes constituem um bom professor?. In: TONINI, I. M. et al. (orgs.). **O ensino da Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Ufrgs, 2011.

SOARES, T. N. Escritas subversivas: dimensões históricas, sociais e simbólicas dos grafites e pichações nos espaços públicos. **Anais do Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco**. Recife, 2007.

SOUZA, E. S; IAPECHINO, M. N. K; GOMES, V. S. Escritas da univer(c)idade: sentidos de autoria e identidade em grafites e pichações. **Anais do I Colóquio de História Brasil e Portugal: nossa história ontem e hoje**. UFRPE. Recife, 2007.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. 13 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

TARTAGLIA, L. R. S. **Geograf(it)ando: a territorialidade dos grafiteiros na cidade do Rio de Janeiro**. [Dissertação de mestrado]. Niterói: UFF, 2010.

TELLA, M. Rap, memória e identidade. In: ANDRADE, E. (Org). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999, pp. 55-63.

SITES CONSULTADOS:

**Jornal da Paraíba.** Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/jpb-1edicao/videos/v/pichadores-causaram-danos-ao-patrimonio-publico-em-campina-grande-pb/4876750/> Acesso em março de 2016.

**Jornal da Paraíba.** Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/jpb-2edicao/videos/v/grafitagem-colore-a-cidade-de-campina-grande/2098020/> Acesso em março de 2016.

**Site Bocada Forte.** Disponível em: <http://www.bocadaforte.com.br/reportagens/kaseone-e-who-um-marco-na-cultura-hip-hop.html> Acesso em março de 2016.



## **APÊNDICE**

**APÊNDICE A – Questionário aplicado em sala de aula**

- 1) O que você entende por Geografia?
- 2) Quais são as dificuldades encontradas no estudo da Geografia?
- 3) Quais as contribuições que você percebe da Geografia em seu cotidiano?
- 4) Você gosta da aula de Geografia?
- 5) Que sugestão você dá para a melhoria do ensino de Geografia em sala de aula, com relação aos métodos e procedimentos didáticos?
- 6) Você gosta de ouvir música?  
 Sim     Não     As vezes
- 7) Quais os momentos que você gosta de ouvir música?
- 8) Qual seu gênero musical preferido?  
 Rap     Forró     Rock     MPB     Sertanejo  
 Outro \_\_\_\_\_
- 9) Você acha possível utilizar o rap nas aulas de Geografia? Justifique.
- 10) Qual sua visão sobre o grafite?
- 11) Você identifica alguma diferença entre o grafite e a pichação? Justifique.
- 12) Você acha possível utilizar o grafite nas aulas de Geografia? Justifique.
- 13) Exerce algum trabalho remunerado?
- 14) Por que você optou em estudar na modalidade EJA?
- 15) Sofre algum preconceito em fazer parte dessa modalidade de ensino?

